

Ensino de habilidades para a vida através do esporte: um estudo com treinadores de equipes escolares extraclasse

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2025e39224133>

Marcelo Kopp Toescher*
Gabriel Gustavo Bergmann*
Eraldo dos Santos Pinheiro*

*Universidade Federal de Pelotas, Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia, Pelotas, RS, Brasil.

Resumo

O estudo teve como objetivo verificar a intencionalidade no ensino de habilidades para a vida (HV) por meio do esporte por parte de treinadores de equipes extraclasse em escolas de uma cidade do Sul do Brasil. Participaram do estudo 19 treinadores de equipes escolares extraclasse. O instrumento utilizado foi o Portuguese Coaching Life Skills in Sport Questionnaire, com 36 questões em escala Likert de 1 a 6, aplicado remotamente por meio de um formulário online. Foram realizadas análises descritivas de frequência, média e desvio padrão usando um software estatístico. Os resultados encontrados apontam que os participantes percebem adotar atitudes implícitas para o desenvolvimento de HV e também acreditam discuti-las com seus alunos, porém, alguns participantes percebem não proporcionar a prática das HV nos treinos nem a transferência delas para outros contextos. Conclui-se que ainda há margem para os treinadores avançarem na intencionalidade no trabalho das HV, adotando mais abordagens explícitas que proporcionem a prática de HV e a transferência delas para outros contextos, o que pode potencializar os desfechos positivos.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Desenvolvimento Positivo de Jovens; Capacitação de treinadores; Intencionalidade.

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular¹ apresenta as competências socioemocionais como uma das dimensões a serem desenvolvidas no ambiente escolar, com o objetivo de melhorar as interações entre estudantes e prevenir situações como o *bullying*. Tendo em vista que uma das incumbências pedagógicas do esporte é o desenvolvimento de valores e da moralidade², a educação física e o esporte escolar configuram-se como espaços privilegiados para este fim. Para tanto, professores/as ou treinadores/as de crianças e jovens no

contexto escolar podem, além dos aspectos técnico-táticos, físicos e motores, inserir conteúdos relacionados ao desenvolvimento de habilidades sociais³. Isso em longo prazo deve proporcionar, por meio do esporte, um desenvolvimento socioemocional positivo desses indivíduos, o que pode resultar em um melhor convívio e uma contribuição mais positiva à sociedade⁴.

O Desenvolvimento Positivo de Jovens (DPJ) é uma abordagem que considera que todos os jovens têm qualidades e características que oferecem potencial para

ter sucesso no futuro⁵. Assim, ela visa potencializar as qualidades dos indivíduos ao invés de remediar e corrigir seus pontos fracos. Dentro dessa perspectiva está presente o conceito de Habilidades para a Vida (HV), que são competências e habilidades sociais, que podem ser desenvolvidas no contexto esportivo e transferidas para os demais contextos da vida⁶.

BEAN e FORNERIS⁷ destacam a importância que trabalhar as HV de maneira intencional pode ter nos desfechos positivos. Buscando auxiliar treinadores/as nesse processo, BEAN et al.⁸ elaboraram o contínuo de HV. Esse contínuo se propõe a ser um facilitador para treinadores/as de crianças e jovens estruturarem seu trabalho quando buscam ensinar HV de maneira intencional e é composto por 6 etapas, sendo as duas primeiras referentes a uma abordagem implícita e as quatro seguintes referentes a uma abordagem explícita.

Visando melhor compreender a prática de treinadores/as, estudos vêm sendo realizados acerca do DPJ e das HV no esporte no cenário internacional nos últimos anos⁹⁻¹⁴.

No Brasil, alguns autores têm se debruçado nessas temáticas^{6,15-19}. No entanto, ainda são assuntos recentes, havendo a necessidade em aprofundar os conhecimentos na realidade e diversidade brasileira, uma vez que SANTOS et al.⁹ mostram que a maioria dos estudos voltados ao DPJ e as HV no esporte, até pouco tempo, aconteciam na América do Norte. Diante disto, fica evidenciada uma certa escassez de estudos sobre essas temáticas nos contextos esportivo e escolar brasileiro e sul-americano, que são bastante diferentes da realidade norte-americana.

Levando em conta que o ensino de valores é tido como fundamental na prática de treinadores/as²⁰, o ensino de habilidades socioemocionais está presente na BNCC¹ como um dos conteúdos a serem desenvolvidos no contexto escolar e a intencionalidade no ensino de HV se mostra como um potencializador de desfechos positivos, o presente estudo teve como objetivo verificar o grau de intencionalidade no ensino de HV por meio do esporte por parte de treinadores/as de equipes extracurriculares em escolas de uma cidade do Sul do Brasil.

Método

O estudo foi desenvolvido com caráter descritivo e abordagem quantitativa. Participaram da pesquisa treinadores e treinadoras escolares do município de Pelotas - RS. Para fins de entendimento, no decorrer do artigo iremos utilizar o termo treinadores/as para nos referirmos aos participantes do estudo, apesar da função primária de professores/as que exercem em suas escolas. Foram incluídos na amostra os/as treinadores/as que seguiram os seguintes critérios de inclusão: a) ter participado como treinador/a na edição 2019 dos Jogos Escolares de Pelotas (JEPEL) em alguma modalidade coletiva; b) aceitar participar do estudo concordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);

O contato com os/as participantes foi realizado inicialmente através da Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) de Pelotas. A SMED encaminhou o convite para o email dos/as professores participantes da edição em questão do

JEPEL. A mensagem continha o convite para a participação no estudo e solicitava que apenas aqueles/as que cumprissem os critérios de inclusão respondessem a mensagem. Por meio do convite os/as participantes acessaram um formulário na plataforma *Google Forms*, onde estava presente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Somente após aceitar participar concordando com o TCLE, o/a participante respondia ao instrumento. Após o envio do convite o formulário permaneceu aberto para receber respostas por 30 dias. Após esse período, foram obtidas respostas de 19 treinadores/as.

A TABELA 1 apresenta a caracterização dos(as) participantes do estudo. Além dos dados apresentados na TABELA 1, destaca-se que 18 (94,7%) participantes afirmaram que teriam interesse em aprofundar seus conhecimentos acerca do DPJ e do ensino de HV pelo esporte.

TABELA 1 - Caracterização da amostra.

Variável					Total
Sexo	Masculino		Feminino		19
	14 (73,7%)		5 (26,3%)		(100%)
Idade	Média		DP		19
	37,21		±10,08		(100%)
Graduação	Sim		Não		19
	19 (100%)		0 (0%)		(100%)
Pós-graduação	Não	Especialização	Mestrado	Doutorado	19
	1 (5,2%)	10 (52,6%)	5 (26,3%)	3 (15,8%)	(100%)
	Sim		Não		19
	14 (73,7%)		5 (26,3%)		(100%)
	Sim		Não		19
Experiência como atleta*	12 (63,1%)		7 (36,8%)		(100%)
	Média		DP		19
Tempo como treinador	10,42		±8,315		(100%)
	Ens. Priv.	Ens. Púb. Mun.	Ens. Púb. Est.	Ens. Púb. Fed.	19
Local de atuação	8 (42,1%)	4 (21%)	3 (15,8%)	4 (21%)	(100%)

O instrumento utilizado foi o *Portuguese Coaching Life Skills in Sport Questionnaire* (PCLSS-Q) de CIAMPOLINI et al.²¹. Trata-se de um questionário com questões fechadas em que o respondente assinala um valor em uma escala de 1 (discordo plenamente) a 6 (concordo plenamente) para cada item abordado. O questionário verifica a intencionalidade no ensino de HV por parte dos(as) treinadores(as) e é composto por 36 questões, divididas em 5 subescalas estruturadas de acordo com o contínuo de BEAN et al.⁸. A primeira subescala contém 17 questões que abordam a estruturação do contexto esportivo e a facilitação de um clima positivo. A segunda, com 5 questões, aborda a discussão de HV, seguido pela terceira com 4 questões, que abordam a prática de HV. A quarta

subescala contém 5 questões sobre a discussão da transferência de HV e a última contém mais 5 questões sobre a prática dessa transferência. Além das questões originais do instrumento, foram adicionadas questões de caracterização da amostra, além de uma questão sobre o interesse dos/das participantes em aprofundar seus conhecimentos sobre as temáticas DPJ e HV.

Os dados foram tabulados e analisados utilizando o software estatístico SPSS 20.0. Foram realizadas análises descritivas de frequência, média e desvio padrão. Quanto aos procedimentos éticos, o presente estudo seguiu todas as exigências, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas sob parecer número 4619735.

Resultados

Nas tabelas a seguir estão dispostas as respostas ao PCLSS-Q, sendo a TABELA 2 referente à

subescala 1, a TABELA 3 referente às subescalas 2 e 3 e a TABELA 4 às subescalas 4 e 5.

A subescala 1 (TABELA 2), quando relacionada ao contínuo de BEAN et al.⁸, representa as duas primeiras etapas, que correspondem a parte implícita do processo, ou seja, quando o/a treinador/a já planeja e estrutura a prática visando o ensino de HV, mas ainda não as aborda explicitamente. Os resultados evidenciam médias bastante altas em todas as 17 questões. Além disso, destaca-se que não foi obtida nenhuma resposta nas alternativas 1 ou 2 e apenas uma resposta 3 em toda a subescala. Os resultados encontrados nesta subescala mostram que os/as treinadores/as participantes acreditam adotar diversas ações nos seus treinos que podem colaborar para um clima positivo e conseqüentemente facilitar, de maneira implícita, a aprendizagem e desenvolvimento de HV dos seus alunos.

As subescalas 2 e 3 (TABELA 3), no contínuo de BEAN et al.⁸, representam a terceira e a quarta etapa, na qual os/as treinadores já adotam uma abordagem explícita no ensino de HV. As altas frequências nas respostas 5 e 6, em conjunto com as altas médias tanto das questões individualmente como na subescala, mostram que os/as treinadores/as acreditam ter o hábito de discutir as HV em seus treinos. Isso mostra que além das ações implícitas adotadas pelos/as treinadores/as, eles/as também acreditam adotar ações explícitas, abordando as HV nas conversas e discussões. Nas questões da subescala 3, pode-se ver que há uma frequência maior nos valores baixos e conseqüentemente menos respostas nos valores mais altos, resultando em médias mais baixas nas questões e na subescala como um todo. Cabe destacar a questão 23 (inclui HV no meu plano de treino), onde pode-se ver que uma parte

considerável da amostra não possui o hábito de incluir HV nos planos de treino. Isso mostra que os/as treinadores/as, apesar de discutirem HV em seus treinos, aparentemente não as colocam em prática com seus atletas na mesma proporção.

As subescalas 4 e 5 (TABELA 4), na lógica de BEAN et al.⁸, representam as duas últimas etapas do contínuo, onde os/as treinadores continuam a abordagem explícita das HV. Nas respostas da subescala 4, podem ser observadas novamente frequências altas concentradas nas respostas 5 e 6 e devido a isso, as médias voltam a ser altas. Isso significa que na visão dos/as treinadores/as, eles/as discutem a transferência de habilidades para a vida para contextos fora do esporte em seus treinos. Em conjunto com os achados na subescala 2, pode-se dizer que os/as treinadores/as acreditam discutir as temáticas de habilidades para a vida com seus atletas, seja falando sobre as habilidades em si quanto sobre a transferência delas para os demais contextos da vida. Já nos resultados encontrados na subescala 5, fica visível uma queda nas médias e nas frequências de respostas nos valores mais altos. Conseqüentemente, as frequências de respostas 1, 2 e 3 aumentaram, totalizando mais de 40% em algumas das questões. Em meio a isso, destaca-se a questão 34 (dou suporte aos atletas na transferência de HV do esporte para a vida fora do esporte), que apresentou a menor média em todo o questionário, com quase 50 por cento da amostra assinalando as respostas 1, 2 ou 3. Isso pode significar que os/as treinadores/as, apesar de discutirem a transferência de habilidades para a vida para os demais contextos, não proporcionam esse tipo de prática e vivência aos seus atletas na mesma proporção.

TABELA 2 - Subescala 1 - Estruturando e facilitando um clima esportivo positivo.

Questão	Respostas						Média (DP)
	1	2	3	4	5	6	
1. Proporciono um ambiente de treino seguro.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	6(31,6%)	13(68,4%)	5,68 (±0,478)
2. Proporciono supervisão apropriada.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(10,5%)	2(10,5%)	15(78,9%)	5,68 (±0,671)
3. Faço com que as atividades sejam divertidas.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(10,5%)	5(26,3%)	12(63,2%)	5,53 (±0,697)
4. Manutenho um ambiente inclusivo.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	7(36,8%)	11(57,9%)	5,53 (±0,612)
5. Medio efetivamente conflitos entre atletas quando eles ocorrem.	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	0(0%)	2(10,5%)	16(84,2%)	5,74 (±0,733)
6. Crio expectativas realistas aos atletas dentro e fora do esporte.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	7(36,8%)	11(57,9%)	5,53 (±0,612)
7. Foco no progresso dos/das atletas de uma maneira apropriada para o desenvolvimento.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	2(10,5%)	16(80,0%)	5,79 (±0,535)
8. Tenho comportamentos apropriados dentro e fora do esporte.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	4(21,1%)	14(73,7%)	5,68 (±0,582)
9. Ajo de maneira atenciosa/cuidadosa.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	5(26,3%)	14(73,7%)	5,74 (±0,452)
10. Comunico-me de maneira efetiva.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(10,5%)	17(89,5%)	5,89 (±0,315)
11. Utilizo os erros dos/das atletas dentro e fora do esporte como oportunidade de ensino.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(10,5%)	4(21,1%)	13(68,4%)	5,58 (±0,692)
12. Crio relações positivas entre treinador e atleta.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(10,5%)	3(15,8%)	14(73,7%)	5,63 (±0,684)
13. Incentivo a criação de relações positivas entre os/as atletas.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	3(15,8%)	5(26,3%)	11(57,9%)	5,42 (±0,769)
14. Considero a perspectiva dos outros.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	3(15,8%)	9(47,4%)	7(36,8%)	5,21 (±0,713)
15. Apresento aos atletas as razões para as decisões que tomo.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	5(26,3%)	14(73,7%)	5,74 (±0,452)
16. Forneço feedbacks construtivos.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	1(5,3%)	17(89,5%)	5,84 (±0,501)
17. Promovo o sentimento de pertença/pertencimento ao grupo.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	4(21,1%)	14(73,7%)	5,68 (±0,582)
Discordo plenamente < 1 2 3 4 5 6 > Concordo plenamente							

5,64
(±0,164)

TABELA 3 - Subescalas 2 e 3 – Discutindo habilidades para a vida e praticando habilidades para a vida.

Questão	Respostas						Média geral (DP)
	1	2	3	4	5	6	
1. Discuto com atletas a importância das habilidades para a vida.	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	2(10,5%)	6(31,6%)	10(52,6%)	5,32 (±0,885)
2. Descrevo aos atletas o que são habilidades para a vida.	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	4(21,1%)	3(15,8%)	11(57,9%)	5,26 (±0,991)
3. Incluo mensagens sobre habilidades para a vida quando ensino habilidades esportivas.	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	2(10,5%)	6(31,6%)	10(52,6%)	5,32 (±0,885)
4. Forneço exemplos de como usar habilidades para a vida no esporte.	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	2(10,5%)	7(36,8%)	9(47,4%)	5,26 (±0,872)
5. Encorajo atletas a usarem habilidades para a vida.	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	6(31,6%)	13(68,4%)	5,68 (±0,478)
Subescala 3							
6. Incluo habilidades para a vida no meu plano de treino.	1(5,3%)	2(10,5%)	6(31,6%)	3(15,8%)	3(15,8%)	4(21,1%)	3,89 (±1,524)
7. Crio oportunidades para atletas usarem habilidades para a vida no esporte.	1(5,3%)	0(0%)	1(5,3%)	8(42,1%)	4(21,1%)	5(26,3%)	4,53 (±1,264)
8. Dou suporte para atletas utilizarem habilidades para a vida no esporte.	1(5,3%)	0(0%)	3(15,8%)	4(21,1%)	7(36,8%)	4(21,1%)	4,47 (±1,307)
9. Ofereço oportunidades para atletas refletirem sobre o uso de habilidades para a vida no esporte.	0(0%)	0(0%)	1(5,3%)	9(47,4%)	5(26,3%)	4(21,1%)	4,63 (±0,895)
Discordo plenamente < 1 2 3 4 5 6 > Concordo plenamente							

TABELA 4 - Subescalas 4 e 5 – Discutindo a transferência de habilidades para a vida e praticando a transferência de habilidades para a vida.

Questão	Respostas						Média geral (DP)
	1	2	3	4	5	6	
1. Ênfase na importância de transferir habilidades para a vida do esporte para a vida fora do esporte.	1 (5,3%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (15,8%)	8 (42,1%)	7 (36,8%)	5 (±1,202)
2. Descrevo aos atletas os contextos fora do esporte nos quais eles/elas podem transferir as habilidades para a vida.	1 (5,3%)	0 (0%)	0 (0%)	6 (31,6%)	3 (15,8%)	9 (42,1%)	4,95 (±1,311)
3. Exemplifico aos atletas como podem se beneficiar da transferência de habilidades para a vida do esporte para a vida fora do esporte.	0 (0%)	1 (5,3%)	0 (0%)	2 (10,5%)	9 (47,4%)	7 (36,8%)	5,11 (±0,994)
4. Esclareço que a transferência de habilidades para a vida do esporte para a vida fora do esporte as vezes pode ser difícil.	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (21,1%)	7 (36,8%)	8 (42,1%)	5,21 (±0,787)
5. Explico aos atletas o componente de tempo da transferência de habilidades para a vida do esporte para a vida fora do esporte.	0 (0%)	1 (5,3%)	1 (5,3%)	4 (21,1%)	7 (36,8%)	6 (31,6%)	4,84 (±1,119)
Subescala 5							
6. Converso com pessoas fora do esporte (pais, professores...) para que criem oportunidades de transferência de habilidades para a vida para os/as atletas.	1 (5,3%)	3 (15,8%)	1 (5,3%)	6 (31,6%)	2 (10,5%)	6 (31,6%)	4,21 (±1,619)
7. Ofereço aos atletas oportunidades de transferir as habilidades para a vida do esporte para a vida fora do esporte.	2 (10,5%)	3 (15,8%)	3 (15,8%)	3 (15,8%)	2 (10,5%)	6 (31,6%)	3,95 (±1,81)
8. Dou suporte aos atletas na transferência de habilidades para a vida do esporte para a vida fora do esporte.	3 (15,8%)	3 (15,8%)	3 (15,8%)	5 (26,3%)	1 (5,3%)	4 (21,1%)	3,53 (±1,744)
9. Forneço feedback quando percebo que os/as atletas estão perdendo oportunidades de transferir habilidades para a vida do esporte para a vida fora do esporte.	1 (5,3%)	0 (0%)	3 (15,8%)	5 (25,6%)	2 (10,5%)	8 (42,1%)	4,63 (±1,461)
10. Elogio atletas após a transferência bem-sucedida de habilidades para a vida do esporte para a vida fora do esporte.	1 (5,3%)	1 (5,3%)	1 (5,3%)	1 (5,3%)	6 (31,6%)	9 (47,4%)	4,95 (±1,471)
Discordo plenamente < 1 2 3 4 5 6 > Concordo plenamente							

Discussão

O presente estudo teve como objetivo verificar o grau de intencionalidade no ensino de HV por meio do esporte por parte de treinadores/as escolares de um município do Rio Grande do Sul (RS). De uma maneira geral, os achados mostram que os/as treinadores/as acreditam dominar e realizar ações implícitas que colaboram para a formação de um clima esportivo positivo, favorecendo o desenvolvimento positivo dos jovens e a aprendizagem de habilidades para a vida. Além disso, pode-se ver que os/as treinadores/as também acreditam adotar algumas ações explícitas ao abordar as HV e sua transferência em discussões e conversas durante os treinos. Porém, quando a questão é proporcionar a prática dessas habilidades e proporcionar oportunidades para que os alunos as transfiram para os demais contextos, as respostas dos/as treinadores/as apontam uma maior limitação.

Quanto mais o/a treinador/a avança no contínuo de HV, mais potencializado fica o desenvolvimento de HV⁸, porém, também é discutido que apenas a abordagem implícita já é capaz de proporcionar o desenvolvimento das habilidades, já que as interações sociais naturais do esporte acabam ocorrendo em um ambiente positivo e acolhedor. Como já foi mencionado, a subescala 1 do PCLSS-Q se aproxima das duas primeiras etapas desse contínuo, que se referem à parte implícita do processo. Isso significa que, baseado nos resultados encontrados, seja intencionalmente ou não, os/as treinadores/as participantes acreditam ter atitudes que podem proporcionar um ambiente favorável para o desenvolvimento positivo e aprendizagem das HV.

Na subescala 2 (Discutindo HV), assim como na 1, foram encontradas frequências altas nas respostas de valor 5 e 6. Apesar disso, na subescala 3 os resultados foram um pouco diferentes, em especial no item 23 (inclui habilidades para a vida no meu plano de treino), com uma das menores médias do questionário. Esse dado pode ser encarado de forma negativa, uma vez que a intencionalidade no trabalho de HV é muito importante para potencializar ainda mais o desenvolvimento das habilidades e os desfechos positivos⁷⁻⁸. Isso também pode indicar que os altos valores encontrados na subescala 1 não significam que todos/as os/

as treinadores/as adotam tais atitudes visando trabalhar intencionalmente o DPJ e o ensino de HV, e sim que essas atitudes são tomadas de forma não planejada. Além disso, deixa aberta a possibilidade de que esses/as treinadores/as não tenham domínio real sobre os conceitos acerca das HV e de como desenvolvê-las, uma vez que estes termos e conceitos são recentes na literatura brasileira e podem não ter estado presentes em suas formações.

Isso é reforçado quando são analisados os resultados da subescala 5 (Praticando a transferência de habilidades para a vida), que apresentou a menor média entre todas as subescalas. Quando analisamos o questionário de maneira geral, vemos que, apesar dos valores inferiores nas subescalas 3 e 5, as subescalas 2 e 4 mostram que os/as participantes acreditam abordar as HV em conversas e discussões, ou seja, adotam atitudes explícitas. Isso leva a pensar que a limitação dos/as treinadores/as está principalmente no momento de colocar as HV em prática nos seus treinos e também no momento de promover a transferência para outros contextos. Ainda, a questão que apresentou a menor média do questionário foi a 34 (dou suporte aos atletas na transferência de HV do esporte para a vida fora do esporte). Esse dado é importante, já que a transferência dessas habilidades para outros contextos é fundamental, para que essa deixe de ser apenas uma habilidade para o esporte e se torne de fato uma HV⁶ sendo assim necessário que treinadores/as auxiliem seus atletas/alunos nesse processo.

Ainda sobre a transferência de HV, PIERCE et al.²² em estudo realizado com treinadores de ensino médio, constataram que mesmo adotando uma abordagem favorável para o desenvolvimento de HV, às vezes a transferência dessas habilidades para outros contextos não acontece. Isso mostra como esse processo pode ser complexo e ressalta a importância de adotar meios de favorecer essa transferência, com o apoio das famílias, proporcionando momentos e situações em que isso possa ocorrer, além de dar suporte para os/as atletas durante esse processo.

A intencionalidade se mostra um fator muito importante no desenvolvimento de HV por meio do esporte⁷⁻⁸. Como já mencionado, existem maneiras implícitas e explícitas de

abordar tais conceitos, sendo ambas capazes de desfechos positivos⁸. A partir disso, levando em consideração os resultados encontrados, é possível ressaltar positivamente os achados nas subescalas 1, 2 e 4, que mostram que os/as treinadores/as acreditam adotar atitudes que colaboram implicitamente e também explicitamente para o desenvolvimento de HV.

Alguns estudos têm evidenciado que o desenvolvimento de HV também contribui para a saúde mental dos indivíduos^{11,23-24}. Isso permite refletir sobre o impacto positivo que uma abordagem intencional, voltada para o ensino de HV, pode ter no desenvolvimento de crianças e adolescentes por meio do esporte extracurricular nas escolas, sendo assim recomendado que treinadores e treinadoras atuando nesse contexto busquem se capacitar quanto a esses conceitos e metodologias.

Apesar de já existirem materiais didáticos¹⁵ em língua portuguesa e cursos online disponíveis sobre o DPJ e as HV no esporte, os/as participantes em sua grande maioria afirmaram ter interesse em estudar as temáticas para qualificar sua prática profissional, o que reforça a possibilidade de que parte dos/as treinadores/as ainda não possuam domínio sobre os conceitos que envolvem o desenvolvimento de HV no esporte. Além disso, pesquisa recente²⁵ constatou que os/as treinadores/as de equipes extraclasse estudados possuem uma alta percepção de domínio de conhecimentos sobre intervenção pedagógica, possivelmente por atuarem no contexto escolar. Isso evidencia que há margem e espaço para realizar ações de capacitação sobre o DPJ e o ensino de HV com essa população, uma vez que, por estarem no contexto escolar, possuem uma forte veia pedagógica em sua atuação, o que vai ao

encontro dos objetivos dessas perspectivas.

Apesar deste artigo apresentar resultados importantes sobre a prática de treinadores/as de equipes extraclasse, cabe mencionar algumas limitações do estudo. O número da amostra, embora representativo quando levado em consideração a realidade local, ainda é baixo quando tentamos extrapolar para outras realidades tais como estadual e nacional. Além disso, o instrumento é de autopreenchimento, o que pode acabar gerando uma certa diferença entre os achados e a realidade observada na prática²⁶, podendo alguns resultados terem sido superestimados. Além disso, a ideia de julgamento pode acabar inibindo a resposta sincera do/a participante em determinadas questões, o que também pode ser citado como uma possível limitação.

Respondendo ao objetivo do estudo, os resultados permitem concluir que os/as treinadores/as de modalidades coletivas extraclasse estudados acreditam adotar diversos comportamentos que ajudam na estruturação de um clima esportivo positivo e no desenvolvimento de HV de maneira implícita. Além disso, os/as participantes, em maioria, acreditam abordar as HV de maneira explícita em conversas e discussões, porém não percebem incluí-las de maneira prática na mesma proporção. Portanto, os resultados demonstram que os/as treinadores/as participantes ainda podem avançar mais em sua intencionalidade, proporcionando a prática e facilitando a transferência das HV por meio de abordagens explícitas. Para isso, necessitam de suporte teórico e prático acerca desses conceitos, principalmente no que se refere a integrar as HV em seus planos de treino juntamente dos aspectos físicos, técnicos e táticos.

Apoio

O presente estudo contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Conflitos de Interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Abstract

Teaching life skills through sport: a study with coaches of extracurricular school teams.

The study aimed to verify the intentionality in teaching life skills (LS) through sports by coaches of extracurricular teams in schools in a city in Southern Brazil. Nineteen coaches of extracurricular school teams participated in the study. The instrument used was the Portuguese Coaching Life Skills in Sport Questionnaire, comprising 36 Likert-scale questions ranging from 1 to 6, administered remotely through an online form. Descriptive analyses of frequency, mean, and standard deviation were conducted using statistical software. The findings indicate that participants perceive adopting implicit attitudes for the development of LS and also believe they discuss them with their students. However, some participants perceive not providing the practice of LS in training sessions nor transferring them to other contexts. It is concluded that there is still room for coaches to advance in the intentionality of LS work by adopting more explicit approaches that provide LS practice and transfer to other contexts, which may enhance positive outcomes.

KEYWORDS: School; Positive Youth Development; Coaching training; Intentionality.

Referências

1. Ministério da Educação, Brasil. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.
2. Gaya A, Torres L. Fundamentos Pedagógicos para o programa segundo tempo. In: Oliveira AAB, Perim GL, organizadores. Brasília: Ministério dos Esportes; 2008. p. 57-67.
3. Fraser-Thomas J, Côté J, Deakin J. Youth sport programs: An avenue to foster positive youth development. *Phys Educ Sport Pedagogy*. 2005;10:19-40.
4. Lerner RM, et al. Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth-grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. *J Early Adolesc*. 2005;25:17-71.
5. Damon W. What is positive youth development? *ANNALS. Am Acad Political Soc Sci*. 2004;59:13-24.
6. Ciampolini V, Milistedt M, Kramers S, Nascimento JV. O que são life skills e como integrá-las no esporte brasileiro para promover o desenvolvimento positivo de jovens? *J Phys Educ*. 2020;31:e3150.
7. Bean C, Forneris T. Examining the importance of intentionally structuring the youth sport context to facilitate positive youth development. *J Appl Sport Psychol*. 2016;28:410-25.
8. Bean C, Kramers S, Forneris T, Camiré M. The implicit/explicit continuum of life skills development and transfer. *Quest*. 2018;70.
9. Santos F, Côrte-Real N, Regueiras L, Dias C, Fonseca A. O papel do treinador no desenvolvimento positivo dos jovens através do desporto: do que sabemos ao que precisamos saber. *Rev Iberoam Psicol Ejerc Deporte*. 2016;11.
10. Jacobs JM, Wright PM. Transfer of life skills in sport-based youth development programs: A conceptual framework bridging learning to application. *Quest*. 2018;70:81-99.
11. Cronin LD, Allen J. Examining the relationships among the coaching climate, life skills development and well-being in sport. *Int J Sports Sci Coaching*. 2018;13:815-27.
12. Camiré M, Rathwell S, Turgeon S, Kendellen K. Coach-athlete relationships, basic psychological needs satisfaction and thwarting, and the teaching of life skills in Canadian high school sport. *Int J Sports Sci Coaching*. 2019;1-16.
13. Williams C, Neil R, Cropley B, Woodman T, Roberts R. A systematic review of sport-based life skills programs for young people: The quality of design and evaluation methods. *J Appl Sport Psychol*. 2022;34(2):409-35.
14. Camiré M, Santos F, Newman T, Vella S, MacDonald DJ, Milistedt M, Pierce S, Strachan L. Positive youth development as a guiding framework in sport research: Is it time to plan for a transition? *Psychol Sport Exerc*. 2023;69:102505.
15. Milistedt M, Ciampolini V, Palheta CE, Anelo J. Coleção Cadernos do Treinador: Desenvolvimento Positivo de

Jovens. 1st ed. Florianópolis: 2020. p. 68.

16. Ciampolini V, Nascimento JV, Milistetd M. O potencial do rugby para o desenvolvimento de habilidades para a vida. *Rev Pensar Prática*. 2022;25:e72153.
17. Palheta CE, Ciampolini V, Santos F, Ibañez SJ, Nascimento JV, Milistetd M. Challenges in promoting positive youth development through sport. *Sustainability*. 2022;14:12316.
18. Pinto JHM, Freire GLM, Costa NLG, Nascimento Jr JRA, Fiorese L. Relacionamento treinador-atleta e percepção de desenvolvimento de habilidades para vida no contexto do handebol paranaense. *Rev Psicol Saúde Debate*. 2023;9(1):354-66.
19. Ciampolini V, Milistetd M, Milan FJ, Palheta CE, Silva N, Nascimento JV. Percepções sobre um projeto esportivo organizado para o desenvolvimento de habilidades para a vida. *Rev Bras Psicol Esporte*. 2020;10(1).
20. International Council For Coaching Excellence (ICCE). *International Sport Coaching Framework Version 1.2*. Champaign: Human Kinetics; 2013.
21. Ciampolini V, Santos F, Quinaud RT, Camiré M, Migliano MO, Nascimento JV, Milistetd M. Cross-Cultural Adaptation and Psychometric Properties of the Portuguese Coaching Life Skills in Sport Questionnaire. *SAGE Open*. 2021:1-10.
22. Pierce S, Kendellen K, Camiré M, Gould D. Strategies for coaching for life skills transfer. *J Sport Psychol Action*. 2018;9:11-20.
23. Cronin LD, Allen J, Mulvenna C, Russell P. An investigation of the relationships between teaching climate, students' perceived life skills development and well-being within physical education. *Phys Educ Sport Pedagogy*. 2018;23(2):181-96.
24. Oberle E, Ji XR, Guhn M, Schonert-Reichl KA, Gadermann AM. Benefits of extracurricular participation in early adolescence: Associations with peer belonging and mental health. *J Youth Adolesc*. 2019;48:2255-70.
25. Toescher MK, Bergmann GG, Pinheiro ES. Conhecimentos funcionais de treinadores de modalidades esportivas extraclasse em uma cidade do sul do Brasil. *Cuadernos Educ Desenv*. 2023;15(7):6581-93.
26. Kramers S, Camiré M, Bean C. Profiling Patterns of Congruence in Youth Golf Coaches' Life Skills Teaching. *J Appl Sport Psychol*. 2019;0:1-20.

ENDEREÇO

Marcelo Kopp Toescher
 Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, s/n - São Gonçalo
 96075-810 - Pelotas - RS - Brasil
 E-mail: marcelotoescher@gmail.com
 mktoescher@outlook.com

Submetido: 19/04/2024

Revisado: 20/08/2024

Aceito: 04/10/2024